

**A** União Europeia está a envelhecer, não só em termos populacionais, mas também no que diz respeito à aposta em ciência e tecnologia. Entre 2000 e 2006, a percentagem europeia de investimento em investigação diminuiu 7,6 por cento, quando o objectivo assumido por Bruxelas era aumentar até três por cento o valor de 1,86 por cento do ano 2000. A ameaça da China começa a ser cada vez mais uma realidade: na potência asiática, o número de investigadores está a aumentar 9,9 por cento ao ano. Este número ainda não se traduz em termos de artigos citados (os Estados Unidos surgem em primeiro lugar), mas o problema da língua poderá ser a explicação. O continente asiático está a crescer e não parece que vá parar tão cedo.

**Focus – Que passos pode dar a União Europeia para que não envelheça também no campo da investigação?**

**Maria da Graça Carvalho** – Uma aposta no financiamento é crucial e a questão da simplificação burocrática ao nível dos fundos da União Europeia é um passo muito importante. Por outro lado, deve-se apostar na modernização das nossas instituições: temos instituições com muita tradição e muito nome, mas que precisam de se modernizar, de se abrir ao Mundo, nomeadamente algumas das nossas universidades e centros de investigação. A mobilidade com o exterior deve ser uma aposta, a cooperação entre as universidades e as empresas e a própria cooperação entre universidades são também dois pontos cruciais.

**Focus – Essa cooperação está a falhar?**

**M.G.C.** – A parceria entre as universidades para criar massa crítica é muito importante, assim como não se especializarem todas nas mesmas áreas. É importante perceberem quais são os seus pontos fortes, de modo a fazerem alianças, porque estamos a competir com países e instituições com muito maior dimensão. Temos de fazer parcerias para resolver a questão da fragmentação e, nisto, os programas europeus ajudam muito: é raro o programa em que instituições e investigadores se apresentam individualmente.

A Europa, outrora centro da ciência e da cultura, está a perder força. Cer-

# O ESTADO

**Maria da Graça Carvalho** explica por que razão 80 por cento algumas soluções para impedir que o Velho Continente seja



**“O caminho agora é dar o salto tecnológico para começar a recuperar o tempo perdido”**

# da CIÊNCIA

dos investigadores estão fora da Europa e apresenta ultrapassado por potências como a Índia e a China

ca de 80 por cento dos investigadores estão fora do continente europeu e 69 por cento das patentes são registadas noutros continentes. Os programas da União Europeia tornaram-se excessivamente burocráticos e tornam-se muitas vezes inacessíveis aos investigadores. A propósito da elaboração do 8.º programa-quadro de ciência e tecnologia da UE, o Parlamento Europeu aprovou (com 553 votos a favor, 12 contra e sete abstenções) recomendações que visam simplificar os processos administrativos e financeiros, que têm complicado o acesso aos investigadores. Maria da Graça Carvalho, a eurodeputada portuguesa encarregue de redigir o relatório, sugere mecanismos que facilitam

**“As nossas instituições têm nome e tradição, mas precisam de **se modernizar**”**

o acesso aos fundos comunitários, tentando contornar o rigor em demasia que tem marcado a actuação da Comissão Europeia neste campo. Portugal absorveu apenas 1,16 por cento dos fundos do 7.º programa-quadro de ciência e tecnologia da UE, num total de 52 mil milhões de euros entre 2007 e 2013. Pelos contactos levados a cabo pela ex-ministra da Ciência e Ensino Superior, a burocracia absorve 30 por cento dos esforços de PME, universidades e centros de investigação, que muitas vezes não podem despende tantas verbas e recursos, acabando por desistir dos fundos.

**Focus – Surpreende-a a posição portuguesa?**

**M.G.C.** – Desde 2008, têm sido atribuídas cerca de 1500 bolsas anualmente e a taxa de sucesso é boa. É uma comunidade científica muito dinâmica, muito jovem e muito ávida de financiamento. O financiamento nacional não chega para as necessidades e é necessário ir buscar ao ex-

terior, um fenómeno que é saudável e de salutar.

Em Portugal, no top 10 das empresas que apostam na investigação surge o sector bancário, o sector da construção, a biotecnologia e a energia. No relatório 2009 EU Industrial R&D Investment Scoreboard, a Bial aparece em primeiro lugar, sendo que os bancos passaram a desempenhar um papel mais forte nesta área – a Caixa Geral de Depósitos está em segundo lugar, o BES em quinto e o Crédito Agrícola em décimo.

**Focus – Estranhou que houvesse três bancos na lista de maiores investidores portugueses em ciência e tecnologia. Porquê?**

**M.G.C.** – Talvez seja uma definição mais lata da investigação científica. Estranhei por não ser o perfil normal de outros países europeus – que são muito mais os industriais. Por um lado, demonstra o interesse dos bancos em investir em ciência, mas, por outro, denota a falta de base e de tecido industrial do País, que é preocupante. A riqueza produz-se de uma forma mais eficiente e mais rápida através dos processos e dos produtos industriais, como é o exemplo da Alemanha. Nós temos descurado o nosso tecido empresarial e não falo só das empresas tradicionais.

**Focus – Sente que tem havido um grande desprezo em relação a esse sector?**

**M.G.C.** – Sim. E aí está o centro do crescimento económico e da diminuição do desemprego. Temos de voltar a recuperar essa aposta. O caminho agora é dar o salto tecnológico para começar a recuperar o tempo perdido e isso só se faz com ciência e inovação. A Europa deve ajudar a desenvolver estes mecanismos. ■

CATARINA SOUSA

**MEMOVITAL®**  
**ENERGY** >>>

- + Concentração
- + Memória
- + Vitalidade



À venda em farmácias

**DietLab®**  
Produtos Dietéticos e Farmacéuticos, Lda

[www.dietlab.pt](http://www.dietlab.pt)

**CONCURSO** >>>  
**“A FRASE CERTA”**



**Ganhe um iPhone!**

**Só depende de si!**

Consulte o regulamento no interior das embalagens MEMOVITAL® Energy e MEMOVITAL® Estudantes.